

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DEHIS

Uma história olavista? Usos e abusos da filosofia e da pedagogia de Paulo  
Freire na série Brasil Pátria Educadora

Risemberg Edwin Barbosa Timóteo

Mariana – MG\2022

Risemberg Edwin Barbosa Timóteo

Uma história olavista? Usos e abusos da filosofia e da pedagogia de Paulo  
Freire na série Brasil Pátria Educadora

Trabalho de conclusão de Curso apresentado na  
Universidade Federal de Ouro Preto como  
requisito básico para a conclusão do Curso de  
História Bacharelado.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira

Mariana- MG\2022

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

T585h Timoteo, Risemberg Edwin Barbosa.  
Uma história olavista? [manuscrito]: usos e abusos da filosofia e da pedagogia de Paulo Freire na série Brasil Pátria Educadora. / Risemberg Edwin Barbosa Timoteo. - 2022.  
38 f.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Negacionismo. 2. Carvalho, Olavo de, 1947-2022. 3. Freire, Paulo, 1921-1997. 4. Extrema-direita. 5. Brasil Paralelo. I. Pereira, Mateus Henrique de Faria. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(81):37

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Risemberg Edwin Barbosa Tomóteo**

**Uma História Olavista? Usos e abusos da filosofia e da pedagogia de Paulo Freire na série Brasil Pátria Educadora**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História

Aprovada em 27 de Outubro de 2022

### Membros da banca

Mateus Henrique de Faria Pereira - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto.  
Camila Cristina Silva- Secretária de Educação do Distrito Federal.

Mateus Henrique de Faria Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12/06/2023



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, DIRETOR(A) DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**, em 12/06/2023, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0539521** e o código CRC **A1815A8E**.

## **Resumo**

O presente artigo busca lançar luz sobre os atuais usos e abusos da filosofia e da pedagogia de Paulo Freire na tentativa de desconstrução do sistema educacional brasileiro através da trilogia de filmes “Brasil Pátria Educadora”, da empresa Brasil Paralelo, tendo em vista que uma das questões principais dessa trilogia foi o processo de centralização da educação em apenas um órgão governamental: o Ministério da Educação e Cultura (MEC). A Brasil Paralelo, como empresa alinhada ao pensamento de Olavo de Carvalho, se norteia pelos seus pressupostos de que o grande mal da educação brasileira é ela estar nas mãos do Estado. Segundo Olavo de Carvalho, antes de 1930 a educação era responsabilidade das Igrejas Católicas e dos militares, e funcionava perfeitamente. Em seu entendimento, não há sentido em se criar um ministério e estatizar a educação, algo que deve ser de responsabilidade da família. Dessa forma, para desacreditar a educação estatal, a Brasil Paralelo se utiliza das mais novas tecnologias em redes sociais e comunicações para semear o negacionismo, o Olavismo, e ideias sobre como, supostamente, a esquerda e o socialismo estão corrompendo os bons costumes e os valores da família. Na série “Brasil Pátria Educadora”, os alvos dos ataques são Paulo Freire e esse sistema de educação. A tentativa do assassinato simbólico de Freire ganha vazão nos discursos de ódio, na guerra cultural bolsonarista, na desqualificação dos espaços de produção do conhecimento e na tentativa de construção de novas narrativas sobre o passado. Um conjunto de ações que a empresa Brasil Paralelo tem empreendido nas mais diversas áreas desde o seu surgimento, em 2016, e impulsionados pela crise política brasileira.

## **Palavras-Chave**

Brasil Paralelo. Negacionismo. Olavismo. Extrema direita bolsonarista. Paulo Freire.

## Resumen

El presente artículo busca arrojar luz sobre los actuales usos y abusos de la filosofía y la pedagogía de Paulo Freire en un intento de deconstruir el sistema educativo brasileño a través de la trilogía de películas "Brasil Pátria Educadora" de la empresa Brasil Paralelo, considerando que una de las cuestiones principales de esta trilogía fue el proceso de centralización de la educación en una sola agencia gubernamental: el Ministerio de Educación y Cultura (MEC). El Brasil Paralelo, como una empresa alineada con el pensamiento de Olavo de Carvalho, se guía por sus premisas de que el gran mal de la educación brasileña es que está en manos del Estado. Según Olavo de Carvalho, antes de 1930, la educación estaba a cargo de las Iglesias Católicas y de las Fuerzas Armadas, y funcionaba perfectamente. Por lo tanto, no tiene sentido crear un ministerio y nacionalizar la educación, algo que debería ser responsabilidad de la familia. De esta manera, para desprestigiar la educación estatal, la Brasil Paralelo utiliza las últimas tecnologías en las redes sociales y las comunicaciones para sembrar negacionismo, olavismo e ideas sobre cómo, supuestamente, la izquierda y el socialismo están corrompiendo las buenas costumbres y los valores familiares. En la serie "Brasil Pátria Educadora", los objetivos de los ataques son Paulo Freire y este sistema educativo. El intento de asesinato simbólico de Freire gana cauce en los discursos de odio, en la guerra cultural Bolsonaroista, en la descalificación de los espacios de producción de conocimiento y en el intento de construir nuevas narrativas sobre el pasado. Un conjunto de acciones que la empresa Brasil Paralelo ha emprendido en las más diversas áreas desde su creación en 2016, impulsada por la crisis política brasileña.

### Palabras Clave

Brasil Paralelo; Negacionismo; Olavismo; Extrema derecha Bolsonaroista; Paulo Freire.

## **Sumário**

<b>1. Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2. Cultura e Memória, Atualismo e Negacionismo .....</b>	<b>12</b>
<b>3. A Teoria e o Tempo presente .....</b>	<b>18</b>
<b>4. Brasil Paralelo .....</b>	<b>20</b>
<b>5. A Trilogia Brasil Pátria Educadora .....</b>	<b>23</b>
<b>6. Considerações Finais .....</b>	<b>35</b>
<b>7. Referências .....</b>	<b>38</b>

## 1. Introdução

Na tentativa de uma possível desconstrução do sistema educacional brasileiro<sup>1</sup>, a empresa Brasil Paralelo faz reiterados ataques à figura de Paulo Freire, com o intuito de desqualificá-lo, assim como à sua obra. Na trilogia de filmes *Brasil Pátria Educadora*, são feitas severas críticas ao sistema de ensino adotado em várias partes do mundo, no pós-Revolução Francesa. Segundo seus interlocutores, o pós-Revolução foi o período em que a educação perdeu seu viés principal, ou seja, a busca do conhecimento e da verdade para a elevação do homem, e abriu-se as portas para o domínio das ideologias de esquerda. Segundo os filmes, um processo que vai se acentuando a partir de Rousseau e que adentra o Brasil, principalmente, através das ideias da Escola Nova, que tinha como seu representante Anísio Teixeira. De acordo com a trilogia, maliciosamente Anísio Teixeira possibilita a entrada no Governo Federal dos socialistas brasileiros, que tão breve dominariam todo sistema educacional e corromperiam ainda mais esse sistema, ensinando cada vez menos e ideologizando cada vez mais os alunos. Nesse sentido, Paulo Freire, um defensor da autonomia, será peça central nessa trilogia. Na tentativa de desacreditar sua credibilidade internacional, o Patrono da Educação Brasileira será lembrado, como na ditadura, até mesmo como inimigo de Deus e dos bons costumes. Aliás, é importante frisar a constância do uso dessa expressão “bons costumes” tanto pela Brasil Paralelo, quanto pelo ex-presidente da República Jair Bolsonaro.

Para entender os ataques da empresa Brasil Paralelo a Paulo Freire e ao sistema de ensino, é necessário, primeiramente, o exercício de buscar compreender o ponto de partida dessa história. Nesse sentido, é muito fácil chegar à figura de Olavo de Carvalho<sup>2</sup>. Conhecido como o guru do radicalismo de direita há mais de vinte anos no Brasil, sua retórica radical destila ódio pelos agrupamentos de esquerda. Paranoico com a ameaça comunista, Carvalho pregava que a democracia brasileira estava corrompida pelo comunismo. Uma rede internacional apoiada por mega fortunas, pelos bancos e até mesmo pelos bilionários do capitalismo

---

<sup>1</sup> A empresa Brasil Paralelo tem como mentor Olavo de Carvalho, um crítico tenaz da educação estatal. São vários os vídeos na internet e no próprio canal de Olavo de Carvalho onde ele apresenta críticas e acusações ao sistema de ensino e aos professores brasileiros, normalmente os comparando aos piores do mundo. Segundo Carvalho, é necessário desregular a educação. Educar não é dever do Estado, mas sim da própria sociedade. A sociedade deve educar-se a si mesma. Carvalho defende que a educação é uma questão de família e a intervenção do Estado é algo absurdo. Nesse sentido, ele argumenta que a educação deveria ser gerida por igrejas, clubes, instituições sociais ou mesmo por doadores beneméritos. <https://www.youtube.com/watch?v=2YjCfmjjgH8> acesso em 03/05/22.

<sup>2</sup> ANDRADA Alexandre. Olavo de Carvalho: O ideólogo do conservadorismo paranoico nacional. **The Intercept Brasil**. 29 de outubro de 2018 – 00:03h. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/28/olavo-de-carvalho-conservadorismo-paranoico/> Acesso em: 09 de outubro de 2022.,

contemporâneo. Além desses, também afirmava que toda a mídia fazia parte desse esquema, sendo impossível acreditar no jornalismo e nos jornalistas, nascendo, dessa maneira, o viés anti-intelectual e contra o jornalismo profissional, um dos pilares do radicalismo no Brasil.

A pedra angular do pensamento olavista é a conspiração. Nesta narrativa, a todo o momento estão acontecendo complôs comunistas para dominar o mundo através da imposição de uma hegemonia cultural. Toda sua obra, vídeos e entrevistas estavam voltados para essa ideia insistente, o que ajudou a formar a base intelectual da nova extrema direita bolsonarista.

Sobre a educação<sup>3</sup>, Carvalho acreditava que organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) criaram estratégias de mudança de atitudes e crenças por meio de técnicas psicológicas embutidas nas normas pedagógicas a serem seguidas pelos países, o que teoricamente explicaria a decadência da educação no mundo e no Brasil.

Usando como ponto de partida tal explicação, pode-se traçar dois perfis para Paulo Freire: um de caráter conspiracionista, onde Freire é comunista, inimigo dos valores da família e unicamente “prega” as ideologias de esquerda para os alunos; e um de caráter realista, onde Freire é reconhecido internacionalmente pelos seus feitos na educação mundo afora.

Apesar do Brasil e dos brasileiros estarem sem Freire há quase 25 anos, no entanto, desde o último pleito eleitoral em 2018, resgataram-no do túmulo e colocaram um alvo em seu peito, talvez com o objetivo de matá-lo novamente. Dessa vez uma morte simbólica, realizada através de ataques dessa extrema direita bolsonarista que se encontra no poder. Aliás, Vecchi (2020) apresenta o fato de que, mesmo antes do registro de sua candidatura à Presidência, Bolsonaro já atacava Freire e queria expurgar sua suposta ideologia educacional, o que resultou em 2021 em uma ação ajuizada<sup>4</sup> pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos e na sentença favorável que proibia o Governo Federal de atentar contra a dignidade de Paulo Freire.

Novamente perseguido, caluniado e difamado, o ideário freiriano sofre por ter proposto levar

---

<sup>3</sup> FILHO, João. “Equilibrado e bom senso”, Olavo de Carvalho seguirá vivo entre os militares. **The Intercept Brasil**. 30 de janeiro de 2022 – 09:00h. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/30/olavo-de-carvalho-militares/> Acesso em 09 de outubro de 2022.

<sup>4</sup> ANGELO, Tiago. Juíza proíbe governo Bolsonaro de “atentar contra dignidade” de Paulo Freire. **Poder 360**. 17 de setembro de 2021 – 20:35h. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/juiza-proibe-governo-bolsonaro-de-atentar-contradignidade-de-paulo-freire/> Acesso em: 09 de outubro de 2022

a educação para os estratos sociais que mais precisam dela, por propor ampliar a visão de mundo dos sujeitos e lhes permitir a autonomia capaz de promover mudanças reais em suas vidas. Longe de promover uma educação que visava pregar alguma ideologia partidária, Freire buscava libertar as amarras que prendem os sujeitos a um mundo alienante que marginaliza pretos e pobres e que quer manter o “joelho sobre seus pescoços”<sup>5</sup>, cortando qualquer possibilidade de respiração.

Para Freire (1996), o educador não pode negar-se a reforçar a capacidade crítica, a curiosidade e a insubmissão do educando. Assim, o ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, mas se alonga para a produção de condições em que aprender criticamente é possível. É imperioso que os educandos, intervindo no mundo, o conheçam, que o conhecimento produzido supere o outro, que antes foi novo, e que se disponha a ser ultrapassado amanhã. Dessa forma, o “pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”. Segundo Freire (1996), ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervir no mundo, e assim ele se define na sua tarefa:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. (FREIRE, 1996, p. 56)

Mas, por que atacar Paulo Freire? Por que atacar alguém que quer que o país melhore através da educação? Na trilogia *Brasil Pátria Educadora* são muito claros a percepção e o papel que atribuem a Paulo Freire. Um comunista que continua participando, mesmo “post mortem”, do marxismo cultural, um movimento que tem supostamente tentado implementar uma agenda progressista defendida pela esquerda, e que busca, entre outras coisas, as igualdades de gênero, das minorias e do multiculturalismo. Esse movimento ideológico teoricamente tentaria mudar os valores culturais da sociedade capitalista para um modelo comunista, como citado e exemplificado no segundo vídeo da série: *Pelas barbas do Profeta*. Diferentemente da teoria marxista clássica, esse movimento não se daria pelo uso das armas, como defendia Marx, mas sim através de uma revolução cultural, incutindo gradativamente os valores e a

---

<sup>5</sup> Essa expressão faz menção ao caso George Floyd, amplamente divulgado na mídia em maio de 2020. Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Por **BBC** 27 de maio de 2020 – 09:44h. disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml> Acesso em: 09 de outubro de 2022.

ideologia da esquerda, até que o comunismo fosse instaurado.

Por fim, entendo que uma das questões centrais desse trabalho é a atualização da extrema direita bolsonarista. Os meritocráticos empreendedores da Brasil Paralelo navegam através das novas mídias criando discursos e reescrevendo a história. Ancorados, como sugere João Cezar de Castro Rocha<sup>6</sup>, na guerra cultural bolsonarista, se beneficiam do discurso e da retórica do ódio ensinada por seu mentor Olavo de Carvalho, para disseminar a ideia de um suposto mal existente no Brasil: O comunismo, a raiz de todas as mazelas, da corrupção e do analfabetismo (inclusive ideológico). A invenção de inimigos em série (como Paulo Freire) pela Brasil Paralelo é uma demanda da guerra cultural bolsonarista, como aponta João Cezar, pois o sucesso dessa extrema direita, capitaneada por Jair Messias Bolsonaro só pode existir enquanto suas massas digitais estiverem mobilizadas e em estado de excitação. Nesse sentido, Paulo Freire se torna o outro, o inimigo a ser combatido e aniquilado.

Com tais inquietações em mente, partimos então para a análise da trilogia *Brasil Pátria Educadora*, e de como a Brasil Paralelo tem utilizado a imagem de Paulo Freire para construir um novo discurso sobre a esquerda brasileira, consolidando dessa forma a posição política da extrema direita bolsonarista. Um esforço que envolve a compreensão de eventos correlatos como a atualização e obsolescência das direitas e esquerdas, as ideias desestatistas de educação de Olavo de Carvalho, o papel das novas mídias em relação à construção das memórias coletivas, bem como o processo de entranhamento do negacionismo no tecido social brasileiro.

Conforme apontado anteriormente, a temática do trabalho será os usos e abusos da pedagogia e da filosofia de Paulo Freire na trilogia da Brasil Paralelo, *Brasil Pátria Educadora*. Logo, contando como fonte primária e essencial os três filmes da série, assim como outras produções da Brasil Paralelo, que de forma direta ou indireta, abordam questões que atravessam o trabalho. O canal de Olavo de Carvalho também será um aporte nessa jornada, pois como mentor, entrevistado e professor de muitos dos entrevistados, suas ideias transparecem em muitos dos conteúdos apresentados pela Brasil Paralelo e que serão objetos de análise neste trabalho. A obra basilar de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, será um dos referenciais para a compreensão de sua obra e pensamento, bem como outros de seus

---

<sup>6</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução a “Guerra Cultural Bolsonarista – A Retorica do Odio”. **Estado da Arte – Estadão**. 10 de abril de 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/guerra-cultural-bolsonarista-retorica-do-odio> Acesso em: 09 de outubro de 2022.

inúmeros escritos. A obra *O educador – Um perfil de Paulo Freire*, de Sérgio Haddad também figurara como aporte na busca pelo entendimento de quem foi Paulo Freire. A *Brasil Paralelo* trata-se de uma empresa alinhada à política da extrema direita que assola o país. Desde a sua criação em 2016, o grupo tem empreendido vídeos, filmes, séries, podcasts e entrevistas nas mais diversas plataformas digitais discorrendo sobre temas da história brasileira, tentando afincadamente criar memórias, que privilegiem o movimento de derrubada da esquerda e a ascensão e manutenção da extrema direita bolsonarista no poder.

A partir desse momento a estrutura do trabalho estará dividida da seguinte maneira: O capítulo dois, *Cultura e Memória, Atualismo e Negacionismo*, será dedicado a entender os papéis desses conceitos frente ao empreendimento *Brasil Paralelo*. Como a cultura e a memória tem sido apropriados para servir ao propósito de criação de novas histórias e principalmente quais são os atores (atualizados e obsoletos) que têm participado do movimento de negação da história oficial. O fio condutor do capítulo três, a teoria e o tempo presente, será nortear a discussão com autores que debatem os temas mais caros a esse trabalho. O tempo e as temporalidades, o trabalho do historiador bem como as diversas modalidades de fabricação e percepção dos acontecimentos. No capítulo quatro, *Brasil Paralelo*, o objetivo será mostrar a empresa por trás dos filmes. Quem é a *Brasil Paralelo*, seus sócios, seu surgimento, o crescimento vertiginoso desde a sua criação e principalmente seus propósitos. O capítulo cinco, *A trilogia Brasil pátria educadora*, será dedicado a condensar as ideias principais apresentadas nos três filmes. O exercício para esse capítulo será o de pensar quem são os atores, suas falas, bem como o lugar da fala de cada um, e suas implicações pessoais com Olavo de Carvalho, o “não guru” da *Brasil Paralelo*. Por fim, no capítulo seis, *Considerações finais*, a construção de uma reflexão sobre a educação através dos tempos. Seu papel e relevância para as sociedades e o perigo que ela corre diante dos ataques que tem sofrido pela direita que se encontra no poder, veiculados principalmente através dos filmes e documentários feitos pela empresa *Brasil Paralelo*.

## **2. Cultura e Memória, Atualismo e Negacionismo**

Destarte, a cultura tem um papel importante em todo esse processo por compreender conjuntos de atividades e produtos dotados de valor. Ela é tudo o que o homem criou, construiu, aprendeu e conquistou ao longo de sua história, bem como um importante

fenômeno social associado à opressão de classe, conforme aponta Gramsci<sup>7</sup>,

A cultura é o conjunto orgânico de conhecimentos teóricos e práticos que caracteriza toda a sociedade ou, pelo menos, sua classe dominante. Abrange e penetra todos os campos da criação humana, trazendo-lhes uma unidade sistemática. (GRAMSCI, 1981, p. 54)

De acordo com Mészáros (1996), a ideologia dominante tem a capacidade de estipular o que pode ser considerado critério legítimo de avaliação de conflito à medida que controla as instituições culturais e políticas da sociedade, podendo usar deliberadamente da linguagem sem o risco de uma iminente exposição devido à relação desproporcional de forças estabelecida com seus opositores. Assim sendo, a ordem dominante aplica a si mesma critérios muito diferentes dos aplicados à sua oposição, que deve ficar em situação de subordinação e, assim, não se dão a mínima obrigação de comprovar suas declarações, ideias e teorizações.

Segundo Araújo e Pereira (2020, p. 126) o atualismo “é o crescimento vertiginoso de certa aceção da possibilidade humana de se relacionar com o tempo histórico como atualização repetidora”. Um conceito que tem se desenvolvido paralelo à cultura digital e que acompanha a sensação de progresso “como atualização incremental e automática do status atual das sociedades capitalistas.” Nesse sentido, os autores apresentam a hipótese de que o sucesso da direita bolsonarista se deve, entre outros fatores, à sua capacidade de “abertura de espaços comuns de diálogo, disputas e negociações entre seus perfis obsoletos e atualizados.” Uma barreira que a esquerda contemporânea ainda não logrou êxito em ultrapassar.

Assim como Pereira e Araújo (2021), ancorados na ideia de atualismo como categoria que busca compreender como experienciamos as urgências do nosso próprio tempo, destacam que desde 2016 buscam alternativas teóricas e políticas para compreender a emergência das direitas e extrema direitas mundiais. Surfando melhor na agitação do fluxo de atualizações, elas se beneficiam da desinformação, alimentando e sendo alimentadas por ambientes favoráveis a disseminação das Fake News.

Nesta direção, Pereira e Araújo (2021) complementam que outro efeito do tempo atualista é a crença de que estar por dentro das últimas notícias é o mesmo que estar certo. A possibilidade de acompanhar as notícias 24 horas por dia, às vezes de maneira irreflexiva, sem verificação de fontes, origens e consequências da notícia é uma porta aberta para a propagação das Fake

---

<sup>7</sup> La cultura es el conjunto orgánico del saber teórico y práctico que caracteriza a la entera sociedad o, por lo menos, a sua clase dirigente. Ésta abraza y penetra todos los campos de la creación humana, llevando a los mismos una unidad sistemática. (GRAMSCI, 1981, p. 54)

News.

“... a atualização em função da própria atualidade tem como uma de suas fontes principais a explosão de notícias em fluxo contínuo. Esse fato possibilita que o valor de verdade passe a ser confundido com o valor de novidade ou atualização da informação recebida, criando um campo propício para a disseminação de mentiras que funcionam como verdades, as chamadas *Fake News*.” (PEREIRA E ARAÚJO, 2021. p. 04)

Segundo Guimarães e Costa (2020) durante os treze anos de governos petistas, o governo federal articulou várias ações acerca dos temas da desigualdade de gênero, justiça social e direitos humanos, a fim de culminar na despatriarcalização do Estado. No entanto, o golpe de 2016 deixaria uma cicatriz definitiva em nossa democracia. O acirramento entre as forças no campo político permitiu a eleição de Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, colocaram um freio nas mudanças em processo na sociedade brasileira.

Com essa ideia em mente e pensando o trabalho de desconstrução das políticas erigidas em governos petistas iniciou-se então um processo de disputas pelo domínio das representações sobre o passado para estabelecer os valores dominantes. Dessa forma, tudo passou a ser válido para desqualificar os adversários. Aqui entra a atualização dessa direita bolsonarista, encarnada por Bolsonaro, que se utiliza de todos os meios para atacar à esquerda.

Segundo Bentivoglio e Brito (2020) não bastava apenas associar o PT à condição de inimigo, mas sim associá-lo também ao comunismo, à corrupção e à qualidade de integradores de uma aliança pró comunismo em toda a América Latina. Assim, passado e presente se tornam ponto de interseção e todos os supostos fantasmas do passado são lembrados e rememorados a fim de justificar um “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

Araújo e Pereira (2020) estabeleceram uma tipologia para os sujeitos modernos e atualistas, justamente para tentar compreender as diferenças entre esses sujeitos, bem como para entender a maneira pela qual o atualizado “surfa” as ondas de atualização e consegue se sobressair enquanto o obsoleto, envolto em um turbilhão que lhe retira toda expectativa, tem cada vez mais dificuldades de resistir.

<b>TIPO DO SUJEITO</b>	<b>PROCESSO HISTÓRICO</b>
<b>MODERNO</b>	<b>ACELERADOR DO TEMPO; DESACELERADOR DO TEMPO; DECISIVO PARA AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS; POSICIONAMENTO POLÍTICO-EXISTENCIAL.</b>
<b>ATUALISTA</b>	<b>SEM CONTROLE SOBRE O TEMPO HISTÓRICO; VALOR SOCIAL E IDEOLOGIA HEGEMÔNICA PRODUZ ONDAS DE OBSOLESCÊNCIA; SER HUMANO COMO SUPÉRFLUO</b>

Tabela criada pelo autor com base no texto de Araújo e Pereira (2020) p. 128, conforme referência.

De acordo com Araújo e Pereira (2020) o que marca a obsolescência da esquerda é a sua nostalgia, o desejo de manter políticas e práticas que privilegiem o povo, no entanto, sem transformações e reformas estruturais. No polo oposto, destaca-se a atualização da direita com o inovador-empresendedor, que deposita a solução dos problemas em novas tecnologias e na inovação. Assim, com a dinamicidade das sociedades contemporâneas, fica muito claro os destinos de cada um nessa disputa. Os projetos dos obsoletos da esquerda são esgotados e inviabilizados, não só pelos adversários, mas pelo próprio tempo, enquanto os atualizados da direita comemoram as suas bem-sucedidas alianças para unir liberalismo econômico e progresso automatizado, e como vantagem adicional, transferindo ainda mais a responsabilidade e culpa de seus anseios e ansiedades para os obsoletos.

Para exemplificar o conceito de atualismo e como essa direita bolsonarista tem navegado essas ondas de atualização, vale lembrar a entrevista concedida por Felipe Valerim, um dos sócios da empresa Brasil Paralelo, ao *Boletim da liberdade*<sup>8</sup>, em 2018, em que ele esclarece questões sobre o surgimento da sua empresa, bem como afirma que, como empreendedores,

<sup>8</sup>Boletim da liberdade. Brasil Paralelo: em entrevista, exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na internet. 19 de agosto de 2018 – 08:00h. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 09 de outubro de 2022.

observaram o momento novo que o Brasil passava, de reeleição de Dilma Rousseff e de despertar da consciência política, para se engajarem em um projeto que tinha como força motriz o sentimento de revolta da maioria da população. Ainda nesse sentido, de sujeitos atualizados e obsoletos, é importante frisar a atualização de imagem pela qual Valerim passou pelos últimos anos, reforçando a questão de que tudo é possível através do trabalho, da meritocracia.

Um discurso nas redes sociais é uma mensagem emitida por um determinado sujeito que tem o intuito de externar seu pensamento, filosofia ou crença, e desencadear através dele uma série de debates sociais. Os discursos de ódio estão intimamente ligados às práticas de governo exercidas pela nova direita bolsonarista. Aliás, a tônica desse governo é semear a discórdia entre os vários grupos sociais. De acordo com Silva (2020), Bolsonaro se notabiliza por defender princípios antidemocráticos de todos os tipos, por atacar os direitos humanos, defender a tortura e a generalização da violência por parte do Estado, bem como por oprimir as minorias. Para Bentivoglio e Brito (2020), o ódio à democracia e aos direitos humanos são centrais em governos autoritários, pois “eles não conseguem conviver com o debate, a oposição ou o respeito às garantias e direitos individuais”.

Segundo Pereira e Araújo (2022) Bolsonaro navegava em um ambiente comunicacional atualista, onde conseguia ativar suas bases respondendo a demandas existenciais de presença e sentido no tempo. Seu estilo populista estava ligado a um discurso neoliberal e a sua rejeição ao Estado, principalmente aos agentes públicos. Seu estilo girava em torno de três pontos centrais: Apelo aos apoiadores para estar sempre contra certas elites; Rejeição as convenções do discurso político; encorajamento da narrativa de crise e colapso constante.

Com o intuito de criar uma coesão social a respeito da colonização e dos males da suposta esquerda comunista, a nova direita bolsonarista, agora com a máquina estatal a seu favor, coloca-se a tarefa de disputar e divulgar a construção do conhecimento histórico através de projetos que reescrevam a história a partir do seu ponto de vista. Uma tarefa que conta em grande medida com o auxílio do negacionismo histórico. Segundo Avelar, Bevernage, Valim (2021, p. 15) “Um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis”.

De acordo com Avelar, Bevernage, Valim (2021) citando Rousso (2020), o negacionismo se converteu em “uma modalidade discursiva, um modo de representação do passado e de percepção do presente”. Tornando-se cada vez mais multifacetado, o negacionismo passa a ser um conceito que abarca uma miríade de formas de negação e de reconstruções revisionistas em diversos países.

Conforme Pereira (2015) no Brasil, o negacionismo bolsonarista começou a ganhar uma forma mais bem definida a partir dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade em 2014, quando comunidades de memória, na internet, começaram a negar abertamente o passado autoritário brasileiro bem como as violências imputadas às vítimas.

Segundo Hassan, 2016; Terry, 2017 (apud Avelar, Bevernage, Valim 2021, p. 18), a expansão das formas de negacionismo foi facilitada pelo surgimento de um cenário midiático digital global que forneceu o espaço para a proliferação de informações sobre o véu do anonimato, como também permitiu que muitas outras pessoas contribuíssem com o negacionismo fazendo ou reunindo informações no espaço virtual.

A negação e o revisionismo, para Pereira (2015), são impedimentos à construção de uma memória livre dos abusos de memória, da história e do esquecimento. Conforme Pereira as disputas de memória são também disputas de poder, principalmente em torno de um passado tão atual como o caso da Ditadura Civil Militar brasileira. Nesse sentido, Pereira aponta que o revisionismo que distorce e dissimula é uma estratégia negacionista que opera não apenas com fatos falsos, mas também com interpretações, argumentos e valores distorcidos para defender certo posicionamento político.

De acordo com Pereira e Araújo (2021) os políticos negacionistas usam como estratégia a luta contra falsos inimigos, a disseminação de teorias da conspiração e fantasias regressivas nas quais o país precisa voltar a ser como um antes fantasioso. Essa atual onda de negacionismo no Brasil contribuiu para a eleição de Bolsonaro em 2018 e nada tem haver com o revisionismo histórico honesto que trabalha a complexidade do passado, expondo que nenhum período histórico é homogêneo ou livre de críticas.

Nesse sentido, Pereira e Silva (2021) apontam que a negação da política cristalizada no antipetismo e traduzida no discurso lavajatista possibilitou as condições para a cruzada bolsonarista contra a democracia. Semelhante a operação italiana contra a corrupção, a operação Lava Jato deu a oportunidade para os ressentidos com o fim da ditadura militar de

atuar no sentido de implementar reformas de Estado inseridas em um programa neoliberal e conservador.

### **3. A Teoria e o Tempo presente**

De acordo com Dosse (2017) o tempo único se estilhaça numa miríade de temporalidades heterogêneas e esse estilhaçamento permite novas interrogações e o alargamento de uma consciência histórica. O enriquecimento dos questionamentos que os historiadores fazem ao passado vêm acompanhados da mudança de métodos, de recortes, de uma multiplicação de objetos e de uma dilatação de seus territórios.

As memórias do golpe de 1964 e da ditadura civil-militar são frequentemente revisitadas e alvos de intensas batalhas de memórias. Alternando entre períodos de latência e destaque nas mídias e redes sociais, as discussões perpassam questões de direitos humanos, educação, economia, desenvolvimento e principalmente liberdade de expressão. Em seu ensaio sobre a nova direita uma das hipóteses propostas por Pereira (2015) é que o negacionismo e o revisionismo brasileiros são alimentados pela impunidade e pela ausência de arrependimento dos envolvidos no pré-golpe e nos pós-ditadura que se estende até os dias atuais. Pereira (2015) complementa ainda que a negação é a contestação da realidade que pode levar a uma falsificação, fantasia ou à sua distorção, no intuito de vetar fontes ou fabricar um discurso com base em provas manipuladas ou imaginárias, enquanto o revisionismo é uma livre interpretação que não nega os fatos, mas os articula para justificar posicionamentos políticos e legitimar alguns tipos de dominações e violências.

O discurso histórico, segundo Dosse (2017, p. 49), enterra o passado para homenagear os mortos e para finalizar sua participação na cena dos vivos. “A configuração do tempo passa pela narração do historiador”, dessa maneira, a narrativa pode ser tomada como a guardiã do tempo, pois não há tempo pensado que não seja narrado. De acordo com a trama textual, o historiador interroga-se sobre as diversas modalidades de fabricação e percepção dos acontecimentos. Para Dosse (2017, p. 56), o tempo “não é o abismo que deve ser transposto por separar e afastar: ele é, na realidade, o fundamento e o suporte do processo no qual o presente se enraíza”.

De acordo com Motta (2020), o historiador deve se orientar pelos imperativos cívico, ético e crítico para construir um trabalho acadêmico e uma atuação pública que sejam capazes de

integrar esses valores, bem como desmistificar a relação com o senso comum, buscando e prezando sempre pela verdade através de rigorosos protocolos de pesquisa. E, nesse sentido, é importante salientar o caráter provisório da verdade que, no entanto, nada tem a ver com a inexistência de uma verdade que possa ser descoberta pelo conhecimento histórico.

Para Motta (2020), o ataque às bases do conhecimento acadêmico afeta várias áreas científicas e que tais ataques somente têm sido possíveis devido à massificação das mídias sociais que permitem a formação e ampliação de movimentos que externam uma revolta contra a episteme no mundo contemporâneo. Sendo assim, se torna cada vez mais explícito a necessidade de evidências, de procedimentos críticos lógicos racionais e de debates intersubjetivos para se estabelecer representações que busquem a verdade.

Para Dosse (2017), a história controversível e plural é um imperativo para promover o diálogo entre diferentes culturas e construir um espaço comum e de valorização de certos universais. Ela pode retroagir positivamente sobre a memória e permitir que ela não se recolha na fossilização da compulsão repetitiva e que se abra para a memória do outro. Assim, a história do tempo presente não apenas inaugura a abertura de um período novo, mas também uma história diferente, que tenta se pautar por um paradigma criado na ruptura com o tempo único e linear e que pluraliza os modos de racionalidade.

Conforme Meneses (2020), os discursos reativos se sustentam sobre a égide da difusão de notícias e conteúdos criados para enganar, confundir e desqualificar os lugares de produção do conhecimento. Abusos do passado e de ideias sobre a verdade são utilizados para sustentar posições reacionárias da extrema direita bolsonarista brasileira. E, nesse sentido, Meneses ressalta o costume em esmaecer o passado e em esquecer eventos como se eles não tivessem existido. O passado tem sido usado como campo de disputas políticas onde ambos os lados tentam contar a melhor versão do mesmo e, dessa forma, impor sua versão à sociedade.

Para Meneses (2020), desqualificar o sujeito que produz o conhecimento no Brasil foi uma estratégia vital para essa onda de pós verdade se legitimar perante a sociedade. A partir dos anos 2000, professores, pesquisadores e demais sujeitos da academia passaram novamente, como em 1964, a serem taxados de doutrinadores, membros de partidos e ideólogos incapazes para a verdade. Assim, com a desqualificação do sujeito e, conseqüentemente, do seu discurso, depara-se com a negação da possibilidade de verdade através do conhecimento,

abrindo espaço, dessa maneira, para uma ideia de “verdade” baseada em valores pessoais e de grupos específicos.

Para Bauer (2020), ao justificar a ditadura, o negacionismo reforça marcadores de exclusão na sociedade brasileira. A personificação dessa nova direita em Jair Bolsonaro conseguiu convencer os eleitores que as minorias fragmentaram a identidade nacional transformando, assim, o espaço identitário do brasileiro. Logo, seu discurso é sobre a necessidade de recuperação do sentimento de unidade. A nova direita bolsonarista apela para um nacionalismo e um patriotismo que teoricamente reestabeleceria o que é ser brasileiro, entretanto, de acordo com Certeau (2016), apesar de o heterogêneo ser para cada cultura o sinal de sua fragilidade, ele é também, ao mesmo tempo, o sinal de sua coerência própria.

#### **4. Brasil Paralelo**

De acordo com artigo<sup>9</sup> produzido para o 31º Simpósio Nacional de História no Rio de Janeiro em 2021 (Ensino de História em tempos de Mídias Digitais: um estudo de caso sobre a produção da empresa Brasil Paralelo) as produções de conteúdos históricos nas novas mídias sociais muitas vezes estão pouco interessadas em pesquisa, epistemologia, conhecimento ou na aprendizagem histórica. O pressuposto é político-ideológico e visa atender uma agenda política-ideológica, que facilitará a sua comercialização ou financiamento. Claramente não há preocupações com teoria e metodologia, mas sim em entreter e distorcer. Nesse sentido, as polêmicas do revisionismo se tornam um caminho e a negação da história o objetivo final. Assim, falar em Brasil Paralelo é falar em um dos centros impulsionadores de uma das maiores crises brasileira.

A Brasil Paralelo é uma empresa fundada em 2016, em Porto Alegre, por Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, que produz material audiovisual com viés de direita conservadora. Seus vídeos possuem números de visualizações astronômicas no YouTube. No entanto, essa não é a única plataforma em que se é possível contato com as suas produções. A Brasil Paralelo veicula seus vídeos na plataforma Panflix do grupo Jovem Pan, desde 2021, e através do seu próprio site, onde também é possível acessar entrevistas, notícias, podcasts,

---

<sup>9</sup> ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro/RJ, 2021. Ensino de História em tempos de Mídias Digitais: um estudo de caso sobre a produção da empresa Brasil Paralelo. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628018779\\_ARQUIVO\\_f2f7b50fac993870706e6f6c448f9536.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628018779_ARQUIVO_f2f7b50fac993870706e6f6c448f9536.pdf) Acesso em 09 de outubro de 2022.

ebooks e programas como o *Conversa Paralela*, *Contraponto* e o *Rasta News*.

Apesar da empresa possuir três sócios fundadores, ativos nas suas produções, Felipe Valerim é a face pública do Brasil Paralelo. Formado na Escola Superior de Propaganda e Marketing, ele está sempre na abertura dos vídeos criando o ambiente mais adequado para envolver o público nas suas versões paralelas da realidade ou mesmo convidando esse mesmo público a se tornarem “membros Patriotas”.

Segundo Valerim, em entrevista concedida ao *Boletim da liberdade*, em 2018, a Brasil Paralelo não nasceu com esse nome e nem com o formato que possui hoje, sofrendo diversas reformulações até chegar ao modelo atual. Os jovens empreendedores observaram que o Brasil passava por um momento novo. A reeleição de Dilma Roussef e o despertar da consciência política ganhava força com o sentimento de revolta da maioria da população. Nesse sentido, o impeachment foi à culminância necessária para motivá-lo e a seus sócios.

De acordo com Nicolazzi (2021), o interesse pelo passado pode ser entendido como um recurso terapêutico para tempos de incertezas. Quando futuro e presente não oferecem um lugar de estabilidade, resta o passado e suas possibilidades de uso como expediente possível. O caráter exemplar de algumas experiências do passado pode ser mobilizado para justificar ações e discursos no tempo presente. Como o próprio Valerim afirma, a Brasil Paralelo usou o contexto da crise para captar as demandas populares e oferecer um produto ajustado ao público. Conforme a expressão usada por Nicolazzi (2021, p. 10), a Brasil Paralelo criou uma mitologia nacional, “*usando um passado de glórias, acontecimentos realizados por indivíduos excepcionais, uma história higienizada de conflitos e contradições, revisitando o Brasil Imperial e revisando a história da ditadura*”.

Conforme o Wikipédia<sup>10</sup>, a Brasil Paralelo pode ser definida como uma empresa próxima ao governo Bolsonaro e suas produções como alinhadas às ideias da extrema direita brasileira, ancoradas basicamente nas personalidades de Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo. A Brasil Paralelo tem sido constantemente alvo de críticas por distorcer fatos da atualidade, da história do Brasil e de Portugal.

Segundo o próprio sitio da empresa, o propósito da Brasil Paralelo é *resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros*. Ancorados na própria verdade

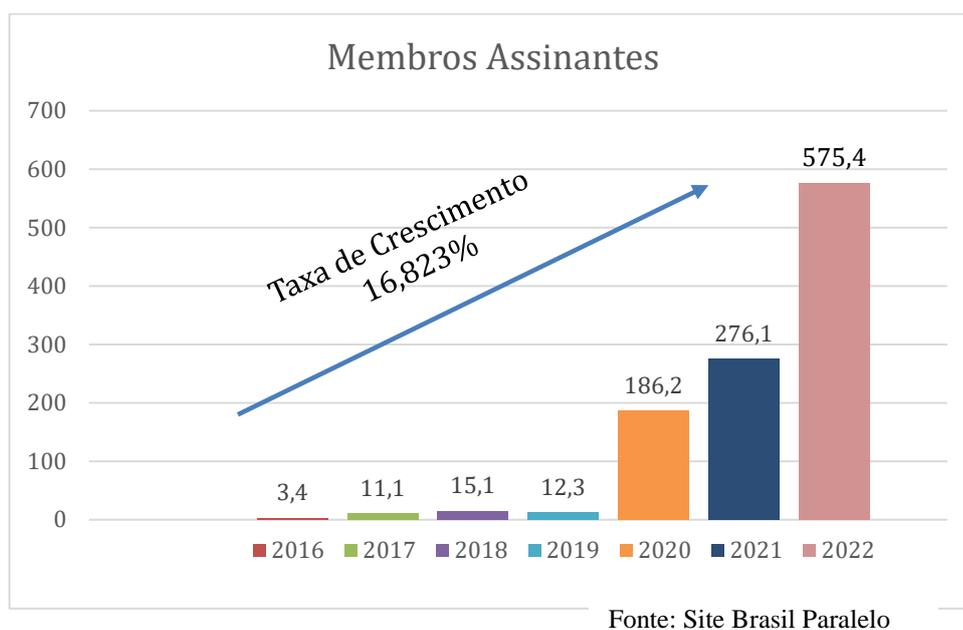
---

<sup>10</sup> WIKIPÉDIA – Brasil Paralelo. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil\\_Paralelo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Paralelo) Acesso em: 29 de outubro de 2022.

acreditam-se como uma empresa de entretenimento e educação que busca a verdade histórica nos fatos e sem qualquer tipo de ideologização na produção dos conteúdos.

Como uma empresa multimídia, parte de seus conteúdos estão disponíveis gratuitamente para o público em várias plataformas, como o Youtube, Spotify, Apple podcast, Google Podcast, Deezer e Amazon Music. A produção dos documentários, filmes, programas, cursos e series permeiam toda a esfera social abrangendo os campos da história, filosofia, economia, educação, artes e atualidades, alcançando milhões de brasileiros.

De acordo com a seção “Sobre Nós”, no sitio da empresa, a Brasil Paralelo teve mais de 15 milhões de espectadores em 2022. Os membros assinantes passam de 550 mil e todos com acesso a mais de 90 cursos em diversas categorias e mais de 140 produções originais, galgando uma taxa de crescimento de 16.823%, conforme informações do gráfico<sup>11</sup> que consta no sítio da Brasil Paralelo.



As taxas de crescimento da Brasil Paralelo são tão extraordinárias que chegaram a superar em muito as análises feitas pela reportagem da revista *Veja*<sup>12</sup> de julho de 2022. Segundo gráfico apresentado na matéria, a Brasil Paralelo tinha em julho de 2022, a quantia de 328,7 mil membros assinantes, o que representa um crescimento maior que 9600% em seis anos.

<sup>11</sup> O gráfico abaixo foi reproduzido pelo autor com as mesmas informações que estão disponíveis no sitio da empresa Brasil Paralelo. Brasil Paralelo. Seção Sobre Nós. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre> Acesso em: 03 de junho de 2023.

<sup>12</sup> MONTEIRO, Renan. Brasil Paralelo surfa na polarização e tem crescimento exponencial. *Veja*. 08 de julho de 2022 – 09:18h. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/brasil-paralelo-surfa-na-polarizacao-e-tem-crescimento-exponencial/> Acesso em: 30 de outubro de 2022.

Segundo o site um crescimento exponencial e que marca a expectativa dos sócios que a empresa ultrapasse até o fim de 2022 a marca dos 100 milhões de reais em receita.

Conforme dados da revista Exame<sup>13</sup> de fevereiro de 2023 a Brasil Paralelo dobrou de tamanho em 2022 passando de um faturamento de 67 milhões de reais para 150 milhões de reais. Segundo a revista, tudo graças aos clientes interessados em consumir seus filmes, curadoria e cursos. E é claro, tudo isso sem receber recursos públicos ou incentivos governamentais, o que faz a empresa vislumbrar em um futuro a possibilidade de diversificar e trabalhar com publicidade.

Em complemento, a reportagem da revista Veja de julho de 2022 também cita os números expressivos gastos em publicidade pela Brasil Paralelo. Segundo os dados da revista, no Facebook a Brasil Paralelo aplicou 3,3 milhões de reais entre abril e junho e no Google a empresa aplicou mais 377.000 reais entre novembro de 2021 e junho de 2022 tornando-se o maior anunciante brasileiro no segmento de campanhas políticas. Título que a empresa contestou por afirmar não fazer campanhas e nem ter vínculos com partidos ou políticos.

No entanto, a reportagem também questiona a superposição entre os valores defendidos pela empresa e pelos simpatizantes do governo Bolsonaro, uma vez que isso se torna evidente em algumas produções e até mesmo nas grandes festas de pré-estreias que são verdadeiras concentrações de políticos bolsonaristas.

## **5. A Trilogia Brasil Pátria Educadora**

Em 01 de Janeiro de 2015, na cerimônia de posse da presidenta Dilma Rousseff, ela lançou o lema do seu segundo mandato à frente da presidência da república: “Brasil, Pátria Educadora”. Nesse mesmo discurso, a presidenta afirmou que a educação seria a prioridade das prioridades no seu governo e que somente a educação liberta um povo e lhe abre as portas de um futuro prospero. Uma fala serena e alinhada com seu plano de governo, que buscava um mandato lastreado pela educação.

De acordo com o seu plano de governo, o Brasil viveu um prolongado período de democratização do acesso ao ensino em todos os níveis. Logo, nesse novo mandato era a hora

---

<sup>13</sup> AMORIM, Lucas. Seção de negócios. Com mais de 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser “a Disney brasileira”. Exame 55 anos. 17 de fevereiro de 2023. às 15:56h. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>

do próximo passo, ou seja, investir pesado na transformação da qualidade do ensino. Com isso, a presidenta almejava dar solidez à posição social dos brasileiros que subiram na escala social, dar chances de ascensão social àqueles que permaneciam pobres e garantir a quantidade e a qualidade da mão de obra necessárias para o crescimento do país. A ampliação da produção científica, da tecnologia e da inovação eram o plano para transformar o Brasil em uma sociedade do conhecimento.

No novo Brasil que estamos construindo desde 2003, a democratização do acesso à educação de qualidade tem uma dupla função. Por um lado, permite moldar uma nação democrática e soberana, fundada na disseminação do conhecimento e da cidadania, o que deve assegurar a perenidade da erradicação da miséria e da pobreza. E, por outro, permite preparar o país para o grande desafio de fundar seu crescimento na criação de tecnologia e na inovação, ou seja, privilegiando a formação educacional e científica e, portanto, a economia do conhecimento. (PROGRAMA DE GOVERNO DILMA ROUSSEFF 2014, p.19)<sup>14</sup>

Fazendo uso desse passado recente da nossa história e com o objetivo de criar um novo discurso no que diz respeito à educação no Brasil, a empresa Brasil Paralelo (BP) produziu no ano de 2020 uma trilogia chamada Pátria Educadora, fazendo uma alusão direta ao lema do governo Dilma Rousseff. Antes de continuar, é necessário fazer um adendo quanto à ilustração do nome da trilogia. Pátria, escrita como se fosse um monumento de pedra, grande e imponente, enquanto Educadora é escrito como se fosse uma pichação no monumento, remetendo a ideia de algo que era para ser grandioso, mas que não passou de um fiasco. Talvez, uma tentativa de introjetar no subconsciente do espectador que a educação proposta pelos governos de esquerda é fadada ao fracasso, pois possui no seu gene uma corrupção indelével, como apresentarão no primeiro filme. Certamente esse grafismo é outro tema interessante de estudo.

---

<sup>14</sup> PROGRAMA DE GOVERNO DILMA ROUSSEFF 2014. Mais mudanças, mais futuro. Disponível em: <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Prog-de-Governo-Dilma-2014-INTERNET1.pdf> Acesso em: 09 de outubro de 2022.



Nas imagens acima apresento respectivamente os três episódios da trilogia. O primeiro “O fim da História” lançado em trinta e um de março de 2020, o segundo “Pelas barbas do profeta” lançado em primeiro de abril de 2020 e o terceiro “Guerra contra a inteligência” lançado em três de abril de 2020. Os vídeos apresentam juntos um total de 6,3 milhões de visualizações e separados somam respectivamente 2,8 milhões, 1,4 milhões e 2,1 milhões de visualizações. Segundo reportagem da folha uol<sup>15</sup> a trilogia que custou mais de 2 milhões de reais mostra claramente o alinhamento da empresa Brasil Paralelo a extrema direita e a nova trincheira bolsonarista contra a esquerda.

O primeiro filme da série é também o mais curto, contando com quase 52 minutos. Sua abertura e a apresentação da trilogia é feita por Felipe Valerim, que afirma ser essa a maior produção da empresa BP e que é fundamental entender a introdução para sabermos o que está acontecendo na educação no Brasil. Com um tom bombástico nas suas afirmações Valerim

<sup>15</sup> UOL/FOLHA DE S. PAULO. Trilogia sobre educação mostra nova trincheira do bolsonarismo contra esquerda. 05 de abril de 2020 – 15:08h. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/trilogia-sobre-educacao-mostra-nova-trincheira-do-bolsonarismo-contra-esquerda.shtml> Acesso em: 09 de outubro de 2022.

convida os espectadores a tornarem-se membros patriotas da BP e a também compartilhar as suas obras.

Os primeiros sete minutos de filme são dedicados a todo tipo de notícias que possam infamar a imagem das escolas, universidades e professores. O primeiro recorte nesses sete minutos é sobre o programa internacional de avaliação de estudantes (PISA). Muitas das notícias apresentadas são verdadeiras, inclusive com chamadas dos telejornais da rede Globo, o que teoricamente daria credibilidade para a notícia. No entanto, as notícias são apresentadas de forma descontextualizadas e recortadas para atender o interesse do grupo que cria a obra. Um exemplo disto está no minuto 6'13'' desse primeiro episódio, onde é colocado pequeno trecho do discurso, já citado acima, de Dilma Rousseff em sua posse e na sequência vários recortes de jornais brasileiros com os apresentadores repetindo a expressão "Pátria Educadora" como se questionassem a presidenta. Os próximos minutos serão de imagens de reportagens que de alguma forma apontam deficiências no programa, tudo claro sob o discurso da presidenta Dilma, para dessa forma desacreditar suas afirmações. Nesse sentido, e de acordo com as próximas cenas do filme, a ideia central é passar a imagem de caos na educação, de um sistema caótico, perdido, fraturado e sem cura.

A partir do décimo minuto volta a narração de Valerim que começa apontando a falta de contexto nos livros de história (aquilo que fizeram lá no minuto 6'13'' do filme), afirmando que a educação obrigatória é algo que surgiu num tempo distante, mas que afeta diretamente a vida da população e criticando a educação compulsória, bem como a obrigatoriedade dos pais em ter que matricular seus filhos na escola a partir dos quatro anos. Uma ideia totalmente alinhada ao pensamento de Olavo de Carvalho, que vê como solução para o Brasil a desregulamentação da educação, que o estado não deve educar ninguém e sim a sociedade que deve educar a si mesma.

Em tempos remotos a educação surgiu para buscarmos o que é a verdade. A partir dessa chave de pensamento o filme começa a ganhar o aporte teórico dos representantes da direita Fausto Zamboni, João Malheiro, Rafael Nogueira, Clístenes Fernandes, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Thomas Giuliano, Fernando Conrado, Flavio Morgenstern e Francisco Solano Portela. Os entrevistados criam uma narrativa para trazer a educação dos tempos remotos, passando pela divulgação da bíblia de Lutero à população que dependia dos padres para obter as palavras sagradas até transformar as escolas estatais em poderosas armas de guerra cultural para o enfrentamento das diferentes ramificações do cristianismo.

A ideia sequente é que a partir da Revolução Francesa a educação clássica nos faz desenvolver um discurso moralizante e artificial que não condiz com as práticas morais do dia a dia, tendo como resultado um estado de cinismo e falsidade social. Essa sociedade falsa, moralista e apodrecida por discursos artificiais é perpetuada pela escola.

Por fim, o filme apresenta a ideia de que o século XX foi um período de guerras entre grandes ideologias gestadas principalmente na Revolução Francesa através do lema igualdade, liberdade e fraternidade, sendo: (A) liberdade representada pelo liberalismo moderno responsável por novos direitos civis e políticos, em favorecimento do mercado em ascendente. (B) a igualdade teve seu fruto no socialismo que queria estender a revolução ao campo econômico acabando com as diferenças entre oprimidos e opressores. (C) a fraternidade se transformou no fascismo, o elo social que unificou o território, a língua e o povo em uma única identidade nacional. Ideologias que viram o aparato estatal das escolas como fontes para o seu fortalecimento.

O que se pode concluir desse primeiro episódio é que, basicamente a partir da revolução científica, a BP, Olavo de Carvalho e todos os seus demais seguidores acreditam haver uma degeneração dos costumes e dos valores morais. A educação vai deixando de ser nobre, um elemento que enriquece e refina o ser humano. Isso se precipita ainda mais com a democratização da educação, momento em que ela deixa de ser privilégio de uma casta superior e chega aos extratos mais baixos da sociedade, ou seja, o filme versa sobre uma visão de educação que privilegia uma classe aristocrática e coloca os demais em uma posição desfavorável para adquirir o conhecimento. Um dos grandes embates do bolsonarismo contra a esquerda é justamente a inclusão de todos, das classes excluídas, das minorias sociais e é o que o filme aponta: o grande incomodo é o nivelamento por baixo para abarcar a maior quantidade possível de pessoas e não apenas a “nobreza”.

O conhecimento e a compreensão do mundo tornam as pessoas insubordinadas e conseqüentemente mais difíceis de se manipular. O grande ódio por Paulo Freire centra-se justamente na questão de que sua pedagogia é uma pedagogia para a autonomia, para a liberdade, para a insubordinação contra tudo aquilo que castra o ser humano. Em Paulo Freire a mobilidade social, cultural, intelectual é possível através da educação, do pensamento livre e crítico, o que é um perigo inenarrável para esse governo autocrático de extrema direita.

De acordo com Nicolazzi (2021) todo passado é objeto de determinada forma de uso, seja

para fins políticos de construções identitárias, comerciais ou para fins científicos de produção do conhecimento. Nesse sentido, se trata sempre de formas variadas de uso do passado, o que está relacionado com o modo de entendimento que considera o viés performático das nossas relações com os diferentes passados. Segundo a hipótese de Nicolazzi, o gosto popular pelo passado nacional ganhou relevância no espaço público nas celebrações dos 500 anos do Brasil, evento que teve grande repercussão midiática e aconteceu simultaneamente ao advento da web 2.0 e do uso massivo das redes sociais. A nova realidade digital permitiu um engajamento entre os públicos da história e os produtores e os divulgadores desses conteúdos. Dessa maneira, para Nicolazzi, o surgimento e o rápido crescimento da BP devem ser inseridos neste processo.

Nicolazzi destaca quatro linhas gerais que movem o empreendimento Brasil Paralelo, no entanto, nesse momento nos deteremos somente na primeira delas, a imagem da conspiração. No objeto de nossa análise, a trilogia Pátria Educadora, subjacente aos fatos sempre existe a ideia de um complô arquitetado por um grupo de atores sociais contra o qual é necessária uma ação política. A conspiração, como afirma Nicolazzi, envolve a suposta hegemonia do marxismo cultural que se infiltrou dentro do governo e, posteriormente, tomou conta das universidades públicas com o propósito da dominação esquerdista na América Latina. A origem desse discurso encontra-se na obra e na atuação de Olavo de Carvalho, o guru do empreendimento. O estado de crise e decadência moral no qual nos encontramos hoje se deve à degeneração sofrida pela dominação marxista na cultura, ocorrida após a ditadura e no contexto pós-guerra fria. No próximo filme da trilogia, a conspiração permitirá reconhecer os culpados e materializar um inimigo que servirá de foco e alvo da ação política.

No segundo filme da trilogia, “Pelas barbas do profeta”, pode-se inferir somente pelo título que será um filme dedicado a Paulo Freire. Postado nas redes sociais em 01 de abril de 2020, ironicamente o dia da mentira, suas uma hora e doze minutos serviram para os direitistas e olavistas, Flavio Morgenstern, Thomas Giulliano, Simon Schwartzman, João Malheiro, Percival Puggina, Fausto Zamboni, Rafael Nogueira, Ricardo Costa e Gustavo Maultasch criarem um discurso totalmente descolado da verdade, mas que no entanto, muito pertinente para mentes desavisadas, fazerem conexões que sugerem uma organização criminosa por trás da organização da educação no Brasil, bem como para atribuir as mazelas educacionais brasileiras a Paulo Freire, “*o engodo vira lata que morreu sem se desculpar*” com a população brasileira.

Filipe Valerim começa o filme mais uma vez narrando de forma apocalíptica que as ideologias políticas da Europa refletiam ao redor do globo e que o Brasil não era uma exceção. Com grandes dimensões, o país era administrado de forma federativa, tendo os estados certa autonomia em relação ao governo central. A educação funcionava da mesma forma, autônoma nos estados, começando o processo de centralização da educação com o governo federal apenas na época de Getúlio Vargas em 1930, quando foi criado um órgão que centralizaria o sistema de ensino nacional (MEC).

Antes dessa centralização as autoridades educacionais eram a igreja católica e os militares. A centralização veio atender a uma demanda do estado: o combate ao analfabetismo e a pobreza. Nesse sentido, é possível inferir que Getúlio Vargas via na educação uma forma de combater desigualdades sociais, de combater a pobreza e produzir a mão de obra qualificada que o país precisava para se desenvolver.

Para criar uma linha de raciocínio que permita atribuir todos os males da educação brasileira ao sistema de ensino implantado a posteriori, na concepção da BP, por Paulo Freire, eles começam argumentando sobre o americano John Dewey, fundador da escola nova e entusiástico de Rousseau, Kant e Hegel. Com propostas pedagógicas que se baseavam em uma educação pública, gratuita e laica, que preparassem as pessoas para o mercado de trabalho, sua pedagogia foi disseminada no Brasil por Anísio Teixeira e, posteriormente, por um grupo de educadores que fizeram em 1932 um manifesto para introduzir a pedagogia nova no Brasil. Sobre a escola nova, faz-se necessário frisar a fala do entrevistado João Malheiro que entende este como um “movimento meio sentimental de educar”. Segundo Malheiro, a educação lúdica, o aprender brincando e toda essa visão sentimental gera crianças muito fracas e faz perder o foco na busca do conhecimento e do estudo. Malheiro acrescenta ainda que tal projeto é uma forma de manipulação popular através dos sentimentos e que a partir disso houve um decréscimo cada vez maior das escolas, do aprendizado e dos resultados.

Para a BP a criação do MEC foi um acordo entre Vargas e a igreja católica, uma troca, o governo cede a concessão do ensino e recebe de volta o apoio da imensa maioria católica do país que seria capaz até mesmo de destituir o governo. Assim, Capanema é convidado a fazer parte do MEC, e ele traz consigo comunistas clássicos como Drummond, Graciliano Ramos e Portinari, que vão começar a se infiltrar no governo central. Esse grupo vai implantar uma liberdade de ensino que vai atender as demandas comunistas. Logo, com o aparelho estatal montado os governos são trocados, mas os atores continuam. E é nesse contexto que o terreno

é preparado para a chegada de Paulo Freire.

O filme usa um vídeo do próprio Freire contando do seu nascimento na cidade de Recife, da sua família feliz de classe média que foi afetada, como tantas outras, pela crise de 1929. Na sequência Thomas Giulliano<sup>16</sup> tenta articular a morte do pai de Paulo Freire com seu processo de alfabetização e com as dificuldades financeiras que marcam a família. Ao mesmo tempo que aponta méritos pela alfabetização de Freire, ele começa a articular como um homem que nasce pobre consegue ser descoberto por um presidente e vai lançar uma iniciativa com tamanho prestígio.

A partir de Angicos, Freire alcança uma expressão pública que vai o tornar um protagonista da política brasileira. Entretanto, com a ditadura de 1964, Freire passa a ser considerado um perigoso e subversivo internacional inimigo do povo brasileiro e de Deus. Para o entrevistado Percival Puggina, Paulo Freire viveu em um ambiente político influenciado por grandes figuras da esquerda como Miguel Arraes, Luiz Carlos Prestes e Francisco Julião, que o seduziram. No entanto, é importante pensar se foram essas figuras que o influenciaram ou se foi a pobreza, o sofrimento nordestino seu e de seus compatriotas que o moveram a buscar algo melhor.

Durante o exílio de Freire os acontecimentos da revolução chinesa vão marcar profundamente sua pedagogia. Para Mao Tse Tung, a natureza da revolução é a aceleração da história, que deveria ser feita através da manipulação dos contrários. Na esteira da revolução chinesa, a revolução cultural consistia na troca de todo um sistema educativo tradicional por um sistema moderno europeu de caráter humanicista. Buscando manter o fervor popular, professores,

---

<sup>16</sup> De acordo com as informações fornecidas pelo próprio autor na plataforma lattes, Thomas Giulliano é Pós-graduado em Literatura Brasileira pela PUCRS, pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena pela UNINTER, graduado em História (licenciatura) pela PUCRS, coordenador do livro Desconstruindo Paulo Freire, autor do livro Desconstruindo (ainda mais) Paulo Freire, mantenedor do site historiaexpressa.com.br, professor dos cursos: O homem e a montanha: um estudo sobre a historiografia de João Camilo de Oliveira Torres, Em torno de Nabuco, Gilberto Freyre: vida, forma e cor e o Brasil segundo Machado de Assis, consultor historiográfico das séries Brasil - A Última Cruzada e Pátria Educadora, produzidas pela Brasil Paralelo. Disponível em:

[https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8565048E5&tokenCaptchar=03AIIukzisagcnVRCPRcUWSIHkKw4IbLPg\\_zd13eOIQITknAQ73MM3XPBShZfQ\\_H1d9Pga7nhw09tfGAZP9EZKwh5icdnrGndORrap7UfzRbZH18\\_P\\_xSznFmz0qUQJD39gi-EC1Rlx8OGbIoDboQ5pKjIgrD-SRbNzdSQIZnHQBuolnIXhBGyIZm2HftwdPw5C\\_TQmr31QQwdQR3knIclErrrCmnRGASgVsHX9gOAJdi3CXNh-54wh8D2UTSHdeHRcwI1nG39BKRxBvU8VT9vShuHKmdKy44mt5NC8e5LII12FPUH1Srfx9LgJ8oW\\_fkhhOEMWuHs-bv1130KUbKDJMjTNEYSt83bmBcIJ4xq2xu9efbykzUgwPGj2gCbcheYn8jpkThJ3OH67TcTlhftOGc\\_fvx8wREtbBhAC5ipMyucEH3NgbUjYu5z7qp74uyWrQAMZbAmIlqCxnIot\\_C80S\\_c81QjCMc6gPZkKLMTO2bLjHH0cgvZYk1xEvtwXi2EeYYyHOJILRVbLs3S2RhnK4mGaC8ZTX12O297I6SORTgLi\\_ea7AasXpYfLDcW2jpI27Y7cJrWBTPfzFhiYYLSx2tMSxLn-wsqOA](https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8565048E5&tokenCaptchar=03AIIukzisagcnVRCPRcUWSIHkKw4IbLPg_zd13eOIQITknAQ73MM3XPBShZfQ_H1d9Pga7nhw09tfGAZP9EZKwh5icdnrGndORrap7UfzRbZH18_P_xSznFmz0qUQJD39gi-EC1Rlx8OGbIoDboQ5pKjIgrD-SRbNzdSQIZnHQBuolnIXhBGyIZm2HftwdPw5C_TQmr31QQwdQR3knIclErrrCmnRGASgVsHX9gOAJdi3CXNh-54wh8D2UTSHdeHRcwI1nG39BKRxBvU8VT9vShuHKmdKy44mt5NC8e5LII12FPUH1Srfx9LgJ8oW_fkhhOEMWuHs-bv1130KUbKDJMjTNEYSt83bmBcIJ4xq2xu9efbykzUgwPGj2gCbcheYn8jpkThJ3OH67TcTlhftOGc_fvx8wREtbBhAC5ipMyucEH3NgbUjYu5z7qp74uyWrQAMZbAmIlqCxnIot_C80S_c81QjCMc6gPZkKLMTO2bLjHH0cgvZYk1xEvtwXi2EeYYyHOJILRVbLs3S2RhnK4mGaC8ZTX12O297I6SORTgLi_ea7AasXpYfLDcW2jpI27Y7cJrWBTPfzFhiYYLSx2tMSxLn-wsqOA) Acesso em: 30 de outubro de 2022.

intelectuais e dissidentes do partido comunista foram perseguidos e humilhados. A juventude estudantil era a grande tropa que marchava em prol desse propósito.

Segundo a BP a ideia de uma revolução cultural era gestada desde a década de 20, no interior do movimento comunista, quando pensadores como Herbert Marcuse, Karl Kautsky, Gyorgy Lukács e Max Horkheimer começaram a observar os rumos da ditadura stalinista e a repensar o marxismo. Os grupos de intelectuais discutiam a diminuição dos argumentos econômicos e a adesão pela reforma daquilo que entendiam como verdadeiro motor da história: a cultura. Em 1968, a história da educação marxista sofre seu ponto de inflexão, com 20 mil alunos indo para as ruas de Paris denunciar o capitalismo e exigir reformas nas universidades. As pautas cresciam e os protestos ficavam maiores. Os debates de intelectuais como Michel Foucault, Pierre Bourdier e Jacques Derrida e militantes começavam a dividir ideologicamente os protestos.

De acordo com Thomas Giulliano, sob a influência de tais eventos, Paulo Freire aplica uma leitura vulgar do marxismo, substituindo o oprimido do processo do trabalho, para entender o aluno como aquele que está sendo oprimido no processo de alfabetização. A partir de então, Paulo Freire vira uma bandeira, as pessoas passam a vê-lo como generoso, alguém que se importa com os alunos, que se importa com a autonomia do pensar, que se importa com a conscientização, sendo que na verdade, ele busca que o aluno pense certo contra o capitalismo e a favor da consciência revolucionária.

De acordo com a fala de Rafael Nogueira, a técnica de ensinar palavras ligadas ao ofício do aluno é um subterfugio para abrir caminho para falar de exploração, para ensinar o marxismo de baixo nível. O uso das palavras geradoras de Freire ia além do aprendizado buscando inculcar no aluno um nível de consciência social. Freire constrói uma ponte entre uma atividade que seria meramente pedagógica até o exercício político em sala de aula.

Mas porque a prática do exercício político em sala de aula é tão ruim para a direita? Paulo Freire buscava estimular nos seus alunos não só a aprendizagem do conhecimento regular, mas o conhecimento do mundo, o conhecimento da realidade, o conhecimento das forças de exploração. Freire, vindo das camadas mais pobres da população, sabia o quanto importante é saber o seu papel nessa estrutura social para poder buscar condições melhores. Nesse sentido, a ignorância das massas é uma benção para quem está no poder e é assim que eles querem que continue, porque se o trabalhador toma consciência de que está na base da pirâmide,

suportando todo peso que está acima dele, o movimento natural e querer se libertar, e querer subir de nível social é querer romper com as amarras que o prendem a subjugação. Uma elite diminuta no poder, usufruindo de todos os tipos de privilégios, saúde, educação, moradia, enquanto uma grande massa de trabalhadores trabalha feito burros, com viseiras nos olhos, para sustentar essa elite. Talvez por isso, essa trupe olavista seja tão favorável ao retorno da monarquia no Brasil, um movimento que tem ganhado força e que tem como um dos seus principais expoentes, de acordo com Nicollazi (2021), Dom Bertrand, tio de Luiz Philippe e descendente da família real.

A BP e seus entrevistados consideram essa tentativa de introduzir a consciência crítica nos alunos como a pavimentação da estrada que dá legitimidade a politicagem que o educador progressista buscava. Misturando as teorias de Rousseau e Munier, segundo eles, Freire entendia que o professor devia ser o facilitador não da aprendizagem em seu mais alto nível, mas sim da obtenção de uma consciência social. Nesse sentido, as intenções da revolução cultural chinesa estavam expressas na pedagogia de Freire que buscava transformar as escolas em ambientes de consciência revolucionária. Assim, Paulo Freire, na perspectiva da Brasil Paralelo, vai se transformando cada vez mais no inimigo a ser combatido.

...tudo aquilo que questiona, desestabiliza ou coloca em risco essa unidade, tudo aquilo que corrompe a família e se contrapõe àquela vontade, encarada de forma unificada e homogênea, precisa ser combatido e, em último caso, eliminado. A figura da unidade, portanto, é aquilo que estabelece os critérios de diferença que definem o outro a ser combatido. Toda cruzada, afinal de contas, prefigura um inimigo. (NICOLAZZI, 2021. pp 13)

Para Olavo de Carvalho e seus seguidores, a pedagogia freiriana cria uma estratificação social invisível que impede o diálogo entre as classes sociais, fixando as pessoas nas posições em que elas nasceram, criando gramáticas para cada classe e perpetuando o jeito de falar, mantendo o abismo entre as classes, ou seja, totalmente o oposto do que Freire queria.

Na parte final do filme aparece aquele chiste, um ressentimento que parece acometer o guru da direita contra Freire. Segundo Thomas Giulliano, o prestígio de Freire não foi aquele reconhecido por um intelectual da academia como acontece tradicionalmente. Mas sim através de suas viagens, ditas como propagandas de seu trabalho. O brasileiro reconhece em Paulo Freire uma personalidade respeitada internacionalmente com honrarias concedidas a poucos. Porém, títulos advindos de uma trajetória diferente da tradicional, o que o fez ganhar por essa trupe a alcunha de “Vira-lata”, de viver da síndrome do viralatismo.

Por fim, fazem questão de atribuir a Freire a suposta vergonha nacional do PT. A aprovação automática, que na verdade se chama progressão continuada, um sistema que nasceu na França, em 1989, para diminuir o número de reprovados e melhorar a qualidade do ensino. Diferentemente do que é exposto no filme, Paulo Freire era um democrata e fiel defensor da dialogicidade. Suas ideias eram para serem discutidas democraticamente e não como os entrevistados tentam apresentar, um homem que queria impor a qualquer custo o seu ponto de vista

Em resumo, o segundo filme da trilogia é uma tentativa explícita de desqualificação de Paulo Freire. Como Nicolazzi (2021, p. 15) nos apresenta, a BP oferece produtos que atendem determinadas expectativas do seu público, mas também, pelo contrário produz outras expectativas a partir das produções realizadas, *“num jogo de retroalimentação em que a noção de público equivale ao mesmo tempo ao sujeito de uma demanda existente e ao objeto produzido por novas demandas criadas”*.

O terceiro e último filme da série começa como sempre com o apresentador falando sobre a empresa Brasil Paralelo e convidando as pessoas a se associarem. Fazem um retrospecto dos dois primeiros vídeos e a seguir dizem da grande denuncia que farão nesse último filme. Retomam novamente as notícias do ranking internacional da educação (PISA) e de como o Brasil ocupa as últimas posições. Nesse sentido, propõem expor como o dinheiro da educação é gasto, como as crianças são alfabetizadas, bem como o que acontece nas universidades brasileiras. Tudo isso é claro usando o princípio de que todos os envolvidos nesse projeto da Brasil Paralelo dedicaram suas vidas às ideias, valores e sentimentos em prol de um bem maior, inclusive sacrificando suas carreiras e outros projetos pessoais.

O fio condutor desse terceiro filme é que o Estado usa o sistema de educação para propagar suas ideias, inclusive criando a educação compulsória para que ninguém fique de fora desse processo de introjeção de ideologias comunistas e de esquerda. O filme apresenta a educação brasileira ocupando os últimos lugares em todos os rankings e culpa explicitamente os governos petistas e Paulo Freire, bem como diz do foco do PT no ensino superior e o esquecimento da educação básica. Para os entrevistados, em especial Olavo de Carvalho, o Brasil é um anão científico, sendo suas publicações científicas de total irrelevância para o Brasil e quiçá para o mundo.

As universidades públicas não são poupadas em momento algum. Se se produz muito conhecimento científico, esse conhecimento não possui qualidade. Se universidades como a

USP estão em ranques internacionais é por informações deturpadas, incongruentes e faltosas com a verdade. Tudo para corroborar uma doença que corrói as universidades: a esquerda. Nesse sentido, as universidades são celeiros para a criação de um exército comunista, locais de manutenção dos partidários da esquerda e engrenagem para perpetuação desse sistema que permitiria a esquerda estar sempre no poder.

Nesse último filme o foco na ideologia da esquerda dentro das universidades é tão forte que chegam a dizer que outros assuntos são vetados e seu tratamento é proibido. Os alunos são preparados desde os anos iniciais, através de livros didáticos com caráter ideológico e partidário até a sua entrada na pós-graduação onde somente temas alinhados aos professores da esquerda são chancelados para prosseguir. O que na ótica do filme vai retroalimentando a máquina comunista.

O que fica claro durante todo o filme é que qualquer assunto que não tenha a ver com o aprendizado da leitura ou a matemática básica é ideologização. Discutir política, o corpo humano, questões de identidade sexual ou da vida em sociedade são proibidos. A norma é homem e mulher, o resto não existe. A norma é ler e escrever, pensar criticamente a sociedade em que vivemos e o que o Estado nos oferece é ideologia. Para a Brasil Paralelo as universidades são palanques políticos para o PT buscar reeleição e não espaço para debate, diálogo e discussão de ideias. Talvez por isso seja tão ofensivo um livro didático discutir a forma de atuação da polícia, dos movimentos dos sem-terra ou do genocídio negro no Brasil.

Mais uma vez o pensamento de Olavo de Carvalho se faz presente, quando a BP afirma que a educação é uma questão de família, que educar é dever dos pais e que a democratização da educação é uma afronta ao cidadão. Pois esse é obrigado a entregar seus filhos nas mãos de professores que vão transformar, corromper e devolve-los a sociedade sem os mais importantes valores da família e de Deus. Todas essas mazelas, e bom lembrar, graças a Paulo Freire e seu método de alfabetização e suas associações com o comunismo, assim como também a sua relação com Lula e com o PT, como se eles fossem a origem de todo mal.

Em uma perspectiva geral os três filmes abordam em sequência (1º) a educação em um período muito recuado e o seu processo de transformação no tempo deixando de ser uma atividade para a elevação intelectual (2º) o suposto papel de Paulo Freire na criação do sistema de educação brasileiro e a corrupção desse sistema através das ideologias de esquerda disseminadas principalmente por Freire, e (3º) a corrupção no MEC, a inexpressividade das produções científicas, o investimento em pesquisas sobre minorias e a grandiosidade da

estrutura educacional, que tem corroborado para destruir a nossa sociedade, seus valores e bons costumes.

Os três filmes são um ataque massivo a educação formal, a Paulo Freire e a todos os avanços alcançados no tocante a valorização dos cientistas brasileiros formados nas instituições de ensino públicas do país. E nesse sentido, é importante salientar a crítica feita ao número de vagas disponíveis as ciências sociais, subárea das humanidades. O terceiro filme tem muito do seu foco sobre o suposto alijamento dos universitários e professores interessados em assuntos da direita. O filme apresenta a hipótese que as muitas vagas das humanidades são para manter bolsas e dinheiro para esquerda, para formar professores que advoguem para a esquerda e que muitos dos profissionais que se formam nas humanidades não tem a capacidade técnica para o exercício das suas atividades, o que ajuda ainda mais a piorar os índices nacionais de educação.

## **6. Considerações Finais**

Para Skinner (1972), a educação desempenha o papel de promover a libertação das necessidades, do medo, da tirania e da dependência dos outros e, quanto mais poderosa e mais pessoas atingir, mais ela alcançará esse objetivo.

De acordo com Durkheim (1973), um pai influi sobre a formação de seu filho educando-o, da mesma forma que o faz o mestre com seus discípulos. Assim, tanto o pai quanto o mestre, ou outras pessoas que busquem educar, não operam no vazio. Educadores e educandos estão imersos em um ambiente de relações humanas extenso e complexo que é o meio social. Segundo o pensamento de Durkheim, a palavra educação tem sido usada para designar o conjunto de influências que, sobre a nossa inteligência ou sobre a nossa vontade, os outros homens exercem sobre nós. Ela compreende tudo que fazemos por nós mesmos e tudo que os outros intentam fazer para nos aproximarmos da perfeição da nossa natureza. Kant nos traz que “o fim da educação é desenvolver, em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz”. Cada indivíduo deve levar ao máximo cada poder que existe em si, sem que uns prejudiquem aos outros. Entretanto, não podemos todos dedicar ao mesmo gênero de vida. Temos, segundo nossas aptidões, diferentes funções a cumprir.

A educação tem variado com o tempo e o meio. Nas cidades gregas e latinas a educação conduzia o indivíduo a se submeter cegamente à coletividade, enquanto hoje ela se esforça em fazer dele personalidade autônoma. Em Atenas, formavam-se espíritos delicados e capazes de

apreciar o belo. Roma desejava homens de ação e apaixonados pela glória militar. Na idade Média a educação era cristã. Na Renascença, ela tinha o caráter mais leigo, mais literário. Nos dias de hoje a ciência ocupa o lugar que a arte preenchia antes. Nesse sentido, cada sociedade possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos em determinado momento.

Para Carvalho (2002), a cidadania se desenvolveu rapidamente em países onde a educação popular foi introduzida. A educação permitiu que as pessoas tomassem conhecimento de seus direitos e lutassem por eles, bem como sua ausência tem sido um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política. Nesse sentido, Carvalho aponta que meio século após a independência, em 1872, apenas 16% da população brasileira era alfabetizada, pois não era interessante para a administração colonial difundir essa arma cívica. As dificuldades quanto ao ensino superior também eram grandes devido ao fato de Portugal não permitir a criação de universidades em suas colônias, o que somente veio a mudar com a chegada da corte em 1808.

A precariedade do conhecimento dos direitos civis, e também dos políticos e sociais, é demonstrada por pesquisa feita na região metropolitana do Rio de Janeiro em 1997. A pesquisa mostrou que 57% dos pesquisados não sabiam mencionar um só direito e só 12% mencionaram algum direito civil. Quase a metade achava que era legal a prisão por simples suspeita. A pesquisa mostrou que o fator mais importante no que se refere ao conhecimento dos direitos é a educação. O desconhecimento dos direitos caía de 64% entre os entrevistados que tinham até a 4ª série para 30% entre os que tinham o terceiro grau, mesmo que incompleto. Os dados revelam ainda que educação é o fator que mais bem explica o comportamento das pessoas no que se refere ao exercício dos direitos civis e políticos. Os mais educados se filiam mais a sindicatos, a órgãos de classe, a partidos políticos. (CARVALHO, 2002. pp 200)

De acordo com Hobsbawm (2013), até os séculos XIX e XX, o monopólio da capacidade de ler e escrever significavam também o monopólio do poder. Apesar de a pena nunca ter tido tanto poder quanto a espada, ela foi a responsável pela criação dos Estados, das grandes economias e impérios do mundo antigo.

Na China, eles transformaram os conquistadores mongóis em dinastias imperiais, ao passo que os impérios de Gengis Khan e Tamerlão logo se desfizeram por falta deles. Os primeiros senhores do monopólio da instrução seriam aqueles que Antônio Gramsci chamou de “os intelectuais orgânicos de todos os grandes sistemas de dominação política. (HOBSBAWM, 2013. p.283)

No entanto, segundo o próprio Hobsbawm (2013), essas são questões do passado. O advento da instrução primária universal e a expansão gigantesca da instrução secundária e universitária formaram um reservatório de pessoas letradas e intelectualmente educadas muito

mais amplo do que em qualquer outra época. Porém, a novidade desse estrato de intelectuais era a combinação das suas atividades mentais e suas intervenções críticas na política. Dessa maneira, para Hobsbawm (2013), até hoje é uma tendência associar os termos “intelectual e oposição”, o que para outros tempos significava “politicamente indigno de confiança”.

O século XX foi caracterizado pelo engajamento político dos intelectuais e a grande época das mobilizações contra “alguma coisa”. Nesse sentido, as universidades expandiam-se e multiplicavam-se, sendo vistas por seus governos como viveiros da oposição social, política e, por vezes, da revolução. No entanto, mais uma vez, essas são questões do passado. Segundo Hobsbawm (2013), o declínio dos intelectuais está atrelado à despolitização dos cidadãos e ao triunfo da sociedade de consumo. A partir dos anos 1960, um novo “boom” na instrução superior altera novamente o cenário político. A facilidade de mobilização estudantil e a inédita revolução nas comunicações reforça a capacidade de reação pública dessa categoria. A nova sociedade da informação demanda atividade intelectual, o que significa que *“mesmo os regimes mais reacionários e autoritários são forçados a permitir certo grau de liberdade às ciências nas universidades”*.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 205 *“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”*. Logo, pode-se pensar na sua essencialidade evocando o filósofo francês do século XVIII, Helvetius, que diz *“Todos os homens nascem iguais e com aptidões semelhantes; só a educação os diferencia”*, e nesse sentido, é possível observar a centralidade dessa questão em oposição a falas como a de Olavo de Carvalho, sobre o dever da não intervenção do Estado na formação educacional da sua população.

Dessa maneira, como explicitado anteriormente, a educação é tema central para povo e país que pretendem se desenvolver e lograr máximo uso de suas potencialidades. Sendo assim, é de grande valia que outras áreas do conhecimento, como a História, também discutam e façam esse entrelaçamento entre teorias e práticas, entre academia e vida real, pois minorar a relação educação e desenvolvimento, desconsiderar o viés político da formação educacional, bem como considerar os teóricos do planalto e seus trabalhos de disseminação de um cientificismo esvaziado de ciência e a criação de “escolas de ideologias” de direita bolsonarista, como o Brasil Paralelo, são um risco para as liberdades, para a democracia e o pleno desenvolvimento do país.

## 7. Referências

ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020, pp. 126.

AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Beber; VALIM, Patrícia. **Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de pesquisa**. Revista Brasileira de História, vol. 41, no 87 • pp. 13-36. 2021

BAUER, Caroline Silveira. Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

BENTIVOGLIO, Júlio; BRITO, Thiago Vieira de. Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des) atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. 2ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (Coleção História e Historiografia)

DE FARIA PEREIRA, M. H.; LOPES DE ARAUJO, V.. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. Estudos Ibero-Americanos, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e39802, 2021. DOI: 10.15448/1980-864X.2021.1.39802. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/39802>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DOSSE, FRANÇOIS. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos (1917-1933)** Introducion de Leonardo Paggi 2ª edición modificada. 54 cuadernos de passado y presente. México, 1981.

GUIMARÃES, Géssica; COSTA, Amanda Danielli. Mulheres e o avanço conservador no Brasil após o golpe de 2016. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos Fraturados**. Cultura e Sociedade no Século XX. 1ª ed. Editora Companhia das Letras, 2013.

MENESES, Sônia. Bolsonarismo: um problema de verdade para a história. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. São Paulo. Editora Ensaio, 1996

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história no olho do furacão. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.

NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: **restaurando a pátria, resgatando a história**. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia 24-28 de maio de 2021.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdei Lopes de. **Atualismo: pandemia e historicidades no interminável 2020**. 2021.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdei Lopes de. **O passado como distração**. Modos de Vestir a história no Neopopulismo brasileiro. Revista de teoria da história 25|2 • 2022

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Nova Direita?** Guerras de memória em tempos de comissão da verdade (2012-2014). Varia História, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 863-902, 2015.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Daniel Pinha. **Sergio Moro negacionista?** Operação Lava Jato, transparência atualista e negação da política. Revista Brasileira de História, v. 41, p. 135-159, 2021.

SILVA, Daniel Pinha. A longa noite de 64: Bolsonaro e a experiência democrática vista do parlamento. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**. Tradução de Rodolpho Azzi. 4. ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1972

VECCHI, Roberto. As cinzas de Gramsci no deserto de Bolsonaro. Orgs. ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus. **Do Fake ao Fato: (des)atualizando Bolsonaro**. Vitória: Milfontes, 2020.